



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO
NACIONALCURSO LETRAS**

JANAINA NEGRES VICTORIO

**RELAÇÕES DE VIOLÊNCIA E RACISMO NOS CONTOS ANA DAVENGA
EMARIA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

PORTO NACIONAL-TO

2020

JANAINA NEGRES VICTORIO

**RELAÇÕES DE VIOLÊNCIA E RACISMO NO CONTO ANA DAVENGA, DE
CONCEIÇÃO EVARISTO**

Artigo de pesquisa apresentado ao curso de Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins como requisito parcial conclusão de curso. Orientadora: Prof.^a Ms. Maria da Glória de Castro Azevedo.

PORTO NACIONAL-TO

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- V646r Victorio, Janaina Negres.
Relações de violência e racismo nos contos Ana Davenga e Maria, de
Conceição Evaristo. / Janaina Negres Victorio. – Porto Nacional, TO, 2020.
21 f.
- Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Língua Portuguesa e
Literaturas, 2020.
Orientadora : Maria da Glória de Castro Azevedo.
1. Literatura. 2. Sociedade. 3. Violência. 4. Narrativas negras. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE PORTO NACIONAL
CURSO DE LETRAS**

TERMO DE APROVAÇÃO

**RELAÇÕES DE VIOLÊNCIA E RACISMO NO CONTO ANA DAVENGA E MARIA,
DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Por: Janaina Negres Victorio

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras: Língua Portuguesa e respectivas literaturas, pela Comissão formada pelas seguintes professoras:

Data da aprovação: 18/12/ 2020.

Banca examinadora

Profª Drª Lyanna Costa Carvalho - UFT

Profª Ms. Viviane Cristina Oliveira- UFT

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a temática da violência e do preconceito contra a mulher negra contos “Ana Davenga” e “Maria”, presentes no livro Olhos D’ Água (2016), de Conceição Evaristo. A obra se volta para experiências de vida de mulheres negras, que retratam uma minoria desprestigiada na sociedade, pelas vivências traumáticas, afetivas e sociais. Percorrendo assuntos, como violência e preconceito e a forma de se ver diante da vida, do mundo e das outras pessoas.

Palavras-chaves: Literatura; sociedade; violência; narrativas negras.

ABSTRACT

This article aims to analyze the theme of violence and prejudice against black women, I tell Ana Davenga and Maria From the book Olhos D' Água, by Conceição Evaristo. The work focuses on the life experiences of black women, Who portray a minority Who is discredited in society, due to traumatic, affective and social experiences, covering issues such as violence and prejudice and the way of facing the world and other people.

Key-words: literature; Society; violence; black narratives.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 APRESENTAÇÃO DE CONCEIÇÃO EVARISTO.....	10
3 A VIOLÊNCIA SOFRIDA POR ANA DAVENGA.....	12
3.1 Maria-vítima de uma sociedade racista, a mãe que protege os filhos, a mulher preta de vida interrompida.....	15
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS.....	21

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo abordará a temática do preconceito e da violência contra mulher negra contos “Ana Davenga” e “Maria”, que compõem o livro *Olhos D’Água* (2016), de Conceição Evaristo. A obra se volta para vivências de vida de mulheres negras com experiências de vida traumáticas, afetivas e sociais, com violência e preconceito, e a forma de se ver diante de uma sociedade preconceituosa e racista.

Procuramos refletir sobre o preconceito e a violência física e psicológica sofridas pelas personagens nos contos, trazendo em mente que a pesquisa é mecanismo fundamental para aquisição de conhecimentos sobre a realidade. E nesse sentido, propomos fazer uma leitura dos contos mencionados, de modo a evidenciar como o preconceito e a violência provocam sofrimento e morte para as personagens- mulheres pretas, pobres e periféricas.

As denúncias sobre a violência contra mulher têm ocupado lugar de destaque no nosso dia a dia, no intuito de cessar os seus efeitos. Embora a violência contra a mulher não seja fato recente, percebe-se que a violência contra a mulher tem aumentado em nossa sociedade. Em reportagem para o site Brasil de Fato¹, a pesquisadora visitante da Universidade de Berkeley, na Califórnia, nos Estados Unidos, Bruna Pereira argumenta que a “violência no Brasil é um fenômeno social articulado a partir do racismo e do patriarcado”. A ausência dos dados ajuda a sociedade a negar as desigualdades fundamentais relacionadas a gênero, raça e classe. “Nós percebemos que a violência no Brasil não é um fenômeno que atinge a todas da mesma forma, muito pelo contrário, ela se constrói como um fenômeno social articulado em torno de gênero e raça, ou seja, a partir do racismo e do patriarcado”, diz a pesquisadora.

Bruna Pereira segue argumentando: “Não estamos percebendo as vinculações desses homicídios com o racismo brasileiro, quer dizer, não podemos definir um eixo prioritário entre gênero e raça. No caso das mulheres negras, nós temos que entender que as duas questões estão operantes quando tratamos de violência”. Vale destacar que homem negro independentemente de estar numa posição social acima da mulher negra, a ele também não lhe é dado prestígio. É muito comum as pessoas categorizarem os indivíduos quanto às características raciais de maneira baseando-se no modo específico na cor da pele.

O sofrimento da população negra perdura até hoje, em proporções diferentes àquelas do período escravocrata. No meio de tantas questões que poderiam ser citadas sobre as pessoas negras e suas lutas para serem reconhecidas, e aceitas na sociedade.

¹Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2017/11/07/mortes-de-mulheres-no-brasil-tem-raca-e-classe-definidas-dizem-pesquisadores>

A escritora negra baiana Mel Adún, em seu poema paradoxo, faz a seguinte afirmação a respeito da condição da mulher negra:

Angústias e histórias de mulheres. A literatura de autoria feminina se mostra como possibilidade de, pela linguagem, tensionar a hegemonia e supremacia masculina, visto que, por meio dela, podem-se desenhar existências e práticas sociais diferenciadas de um eu feminino, com atributos e papéis distintos do masculino, mas não inferior e desigual (Adún,2012, p.150).

De acordo com Cuti, “a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação” (CUTI, 2010). Esse poder tem tornado documentadamente instrumentalizado pelos negros para revolucionar o lugar de submissão que o racismo os coloca.

Pode-se assegurar que a literatura constitui o pensamento social e somos aptos a entender o contexto histórico das civilizações que nos superaram através dos relatos literários. Conceição Evaristo, com sua literatura vem, trazendo à tona a mulher negra forte, guerreira e resistente.

Tem sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interdito em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, pelos modos de relação raciais que vigoram em nossa sociedade, coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira. (EVARISTO, 2009, p.18).

A literatura, por ser a arte da palavra, pode, muitas vezes, ficcionalizar a história, ganhando vida nas narrativas; conservadas condutas sociais e ideias, pois a exposição literária cria e recria a realidade, seu papel é fundamental na história da humanidade. O debate teórico envolvendo a literatura negra no Brasil é um tema de bastante complexidade. Segundo Duarte, a “literatura negra são muitas, o que enfraquece e suprime sua eficácia enquanto operador teórico, a par do inegável simbolismo político” (DUARTE, 2009). De acordo com Arruda (2007) assim, entende-se a literatura negra brasileira como uma literatura fortemente política, pois “abala a ideologia do nacionalismo e tem um olhar crítico sobre o Estado e a identidade nacional; e, ainda, por reescrever a seu modo a História. ”

2 APRESENTAÇÃO DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Maria Conceição Evaristo Nasceu em 29 de novembro de 1946, em uma favela da cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Filha de Joana Josefina Evaristo, Conceição teve pouco contato com o pai, tendo sido criada pela mãe, que era lavadeira, e pelo padrasto Aníbal Vitorino, que era pedreiro. A autora cresceu na companhia de três irmãs filhas do mesmo pai e da mesma mãe e dos cinco irmãos filhos do novo relacionamento da mãe com o padrasto. Por conta das dificuldades financeiras da mãe, com sete anos foi viver com a tia, Maria Filomena da Silva, que é irmã mais velha de sua mãe, que também era lavadeira e o tio, Antônio João da Silva, que era pedreiro, pois eles não tinham filhos. Aos oito anos, Evaristo começou a trabalhar como empregada doméstica, mas sua mãe sempre deu valor à educação fazendo com que os filhos frequentam uma das melhores escolas públicas da cidade em que viviam; mesmo que para tal tivessem que andar muito, de modo que a escola era distante do local em que moravam. Teve que lidar desde muito cedo com a dura realidade de ser mulher, negra e moradora de favela.

Trabalhou como babá e faxineira enquanto cursava os estudos secundários, mas quando terminou não conseguindo emprego em Belo Horizonte, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1973, onde se graduou em Letras pela (UFRJ) e seguiu carreira no magistério, lecionando na rede pública fluminense até aposentar-se no ano de 2006. Estreou-se na literatura no ano de 1990, através de seis dos seus poemas que foram incluídos no volume 13 da coletânea *Cadernos Negros*. Anos mais tarde, trabalhando e estudando conseguiu concluir o mestrado em Literatura Brasileira pela (PUC-Rio, 1996). Posteriormente, o doutorado em Literatura Comparada pela (UFF,2011).

Conceição Evaristo publicou contos, romances e poemas em revistas e coletâneas no Brasil e no exterior. Por seus diversos trabalhos, recebeu prêmios por conta de sua escrita e participante na defesa dos direitos das mulheres, dos negros e das populações marginalizadas. Assim, a escrita para Evaristo pode ser vista como um desempenho de identidade para ela e também como um desenvolvimento de resgate e esperança. Sua literatura é uma forma de dar voz, corpo e resistência às mulheres, homens e crianças negras de nossa sociedade excludente e racista. Atualmente, Evaristo representa o Brasil no exterior e sua literatura vem sendo traduzida em diversos países.

As narrativas de *Olhos D'água* trazem representações femininas diferentes das habitualmente relatadas na literatura canônica brasileira, que simbolizavam os personagens negros e femininos apenas em terceiro plano, tornando-os “figurantes” da história da qual faziam parte. Na narrativa de Conceição Evaristo, as personagens são, em grande parte, narradoras de suas próprias memórias: elas relatam suas experiências; denunciam questões próximas aos universos vivenciados por elas; protagonizam em suas histórias temáticas que antes eram silenciadas, humilhadas e oprimidas.

3 A VIOLÊNCIA SOFRIDA POR ANA DAVENGA

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar” (Nelson Mandela).

O conto “Ana Davenga” é narrado em terceira pessoa, através de um narrador onisciente. Ao longo da narrativa, o samba aparece quase como uma personagem, é o elemento que marca a vida do casal e da comunidade, do início ao final da narrativa. O narrador usa o samba como marca e identidade do povo e da cultura negra, descreve o gingado da mulher e do homem, mostra-os como sambistas. O samba os representa em todos os momentos, tanto que as batidas na porta são feitas em ritmo de samba, como um código, anunciando algo “bom ou ruim. ”

As batidas na porta ecoaram como um prenúncio de samba. O coração de Ana Davenga naquela quase meia-noite, tão aflito, apaziguou um pouco. Tudo era paz então, uma relativa paz. Deu um salto da cama e abriu a porta. [...]. As mulheres, ouvindo o movimento vindo do barraco de Ana, foram também. De repente, naquele minúsculo espaço coube o mundo. Ana Davenga reconheceu a batida. Ela não havia confundido a senha. O toque prenúncio de samba ou de macumba estava a dizer que tudo estava bem. Tudo em paz, na medida do possível. Um toque diferente, de batidas apressadas dizia de algo mau, ruim, danoso no ar (EVARISTO, 2016, p.21).

No conto, há uma proximidade com a linguagem oral, o uso de palavrões e frases curtas que criam um efeito de imediação, como se alguém nos narrasse a história lá dentro. Esse recurso utilizado pela narradora, aproxima mais ainda o enredo, personagens e leitores para a realidade sofrida e presenciada por muitos homens e mulheres pretos da periferia urbana brasileira.

Davenga comunicou a todos que aquela mulher ficaria com ele e nada mudaria. Ela era cega, surda e muda no que se referia a assuntos deles. Ele, entretanto, queria dizer mais uma coisa: qualquer um que bulisse com ela haveria de morrer sangrando nas mãos dele feito porco capado (EVARISTO,2016, p.22).

Ana despertava em Davenga uma apreciação capaz de resgatar suas fragilidades, como o medo da prisão, porém Davenga é um ser procurado pela polícia e temido, ainda que respeitado também, pela comunidade. Davenga, que é apresentado como chefe do morro, cercado por violência em todas as partes, alguém disposto a matar, assassinar, assaltar: “O que ele gostava mesmo era de ver o medo, o temor, o pavor nas feições e modos das pessoas. Quanto mais forte o sujeito, melhor. Adorava ver os chefões, “os mandachugas se cagando de medo.”

Davenga olhou a rua. Tudo ermo, tudo escuro. Madrugada e frio. Mandou que o homem abrisse o carro e pediu as chaves. O deputado tremia, as chaves tilintavam em suas mãos. Davenga mordeu o lábio, contendo o riso. Olhou o político bem no fundo dos olhos, mandou então que ele tirasse a roupa e foi recolhendo tudo. — Não, doutor, a cueca não! Sua cueca não! Sei lá se o senhor tem alguma doença ou se tá com o cu sujo! (EVARISTO, 2016, p. 25).

A Relações de violência e racismo presentes no conto *Ana Davenga*, mostra a realidade de uma mulher negra que vive na favela e que se relaciona com homem negro, que vive no mundo do crime e é chefe da periferia. A história inicia com a chegada de todos os amigos no barraco de Ana e de Davenga, então procura o seu marido com seu olhar, mas não o encontra de início, ficando preocupada com o seu paradeiro. A partir desse fato, ela começa a se lembrar que às vezes seu marido desaparecia por dias ou até mesmo meses, e de repente aparecia de surpresa, são e salvo. Ana também se lembra de que aqueles homens que agora estão no seu barraco, antes não gostavam dela, já que ela era protegida de Davenga e sabia de todos os segredos, lembra-se ainda, do início de seu relacionamento, quando se conheceram na roda de samba.

Estava atento, sim. Estava atento aos movimentos e à dança da mulher. Ela lhe lembrava uma bailarina nua, tal qual a que ele vira um dia no filme da televisão. A bailarina dançava livre, solta, na festa de uma aldeia africana. Só quando a bateria parou foi que Ana também parou e se encaminhou com as outras para o banheiro. Davenga assistia a tudo. Na volta, ela passou por ele, olhou-o e deu-lhe um largo sorriso. Ele criou coragem. Era preciso coragem para chegar a uma mulher. Mais coragem até do que para fazer um serviço. Aproximou-se e convidou-a para uma cerveja. Ela agradeceu. Estava com sede, queria água e deu-lhe um sorriso mais profundo ainda. (EVARISTO, 2016, p. 25).

Davenga paga uma bebida para Ana e logo em seguida a leva para sua casa e de lá ela resolve morar com ele. Com o tempo, a moça decide adotar o nome do marido e se torna Ana Davenga. O conto mostra a figura de Davenga, homem forte e valentão, menos por Ana que o admira e reconhece seu lado sensível. Em sua intimidade, ele é um homem frágil e comovente, capaz de revelar todo o seu regozijo.

Davenga que era tão grande, tão forte, mas tão menino, tinha o prazer banhado em lágrimas. Chorava feito criança. Soluçava, umedecia ela toda. Seu rosto, seu corpo ficavam úmidos das lágrimas de Davenga. E todas as vezes que ela via aquele homem no gozo-pranto, sentia uma dor intensa. Era como se Davenga estivesse sofrendo mesmo, e fosse ela a culpada. Depois então, os dois ainda de corpos nus, ficavam ali. Ela enxugando as lágrimas dele (EVARISTO, 2016, p. 23).

A identidade de Ana Davenga é construída ao mesmo tempo em que o relato de si é apresentado. É fundamental o olhar para todo social e as relações que a personagem vivencia ao longo da narrativa. A identidade de Ana é construída através do relacionamento com Davenga, até o momento em que os dois se conhecerem, antes, ela era apenas Ana e depois que os dois resolvem morar juntos a identidade da personagem mudou para Ana Davenga.

Ana sabia bem qual era a atividade de seu homem. Sabia dos riscos que corria ao lado dele. Mas achava também que qualquer vida era um risco e o risco maior era o de não tentar viver. E naquela noite primeira, no barraco de Davenga, depois de tudo, quando calmos e ele já de olhos enxutos, — ele havia chorado copiosamente no gozo-pranto — puderam conversar, Ana resolveu adotar o nome dele. Resolveu então que a partir daquele momento se chamaria Ana Davenga. Ela queria a marca do homem dela no seu corpo e no seu nome (EVARISTO, 2016, p. 26, 27).

As recordações de Ana, sobre quando conheceu Davenga, como ela o ama e o conhece, provocam-lhe o medo de que alguma coisa ruim tenha acontecido com ele, visto a chegada dos amigos no barraco, sem aviso e sem que ele esteja em casa, levam-na a um sentimento de apreensão acerca do destino de seu homem. Esse medo e apreensão se desfazem com a chegada de Davenga. Ana se dá conta de que tudo aquilo não passava de uma festa surpresa de aniversário para ela e, quando a festa acabou, Ana e seu marido foram para o quarto.

A partir desse momento, o que era para ser uma comemoração de vida, na intimidade do casal, revela-se como uma cena trágica, como o cumprimento da anterior sensação de tragicidade que permeou Ana, antes da comemoração de seu aniversário. A intimidade dos dois é violada e suas vidas interrompidas, através da invasão da casa, por policiais, que deram voz de prisão para Davenga. Ele estava nu, na cama e os policiais permitiram que se vestisse. Nesse momento, ele se lembrou de que tinha uma arma escondida em sua camisa. Davenga reage e os policiais matam os dois na cama. Ana morreu tentando proteger sua barriga. Ela estava grávida e não teve nem oportunidade de contar para seu marido.

Mandaram que Davenga se vestisse rápido e não bancasse o engraçadinho, porque o barraco estava cercado. Outro policial do lado de fora empurrou a janela de madeira. Uma metralhadora apontou para dentro de casa, bem na direção da cama, na mira de Ana Davenga. Ela se encolheu levando a mão na barriga, protegendo o filho, pequena semente, quase sonho ainda (EVARISTO, 2016, p.30).

Nesse conto, temos a imagem de uma mulher exposta de inúmeras formas, ao longo do enredo: forte, protetora e fiel ao seu parceiro. Ela não possuía uma vida perfeita, entretanto por amor a Davenga enxergava naquela vida o sonho de construir uma família. Mas o estado e sua violência social, interrompeu a sua vida de modo brutal sem ao menos dar-lhe a chance de defesa. Evaristo, por meio da personagem, consegue transmitir sonhos, força e sobretudo coragem para encarar e se arriscar em viver em lugar repleto de conflito e violência por amor.

3.1 Maria-vítima de uma sociedade racista, a mãe que protege os filhos, a mulher pretada vida interrompida

Maria é uma mulher negra que mora em uma favela, trabalha como empregada doméstica e tem três filhos. Em um dia longo de trabalho, Maria, esgotada e cansada, retorna a caminho de casa, satisfeita por levar restos da festa da patroa e uma gorjeta. E refletindo sobre a distância e sobre o preço das passagens.

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. (EVARISTO, 2016, p.39).

A gorjeta serviria para comprar xarope e para os dois filhos menores que estavam gripados e também uma lata de toddy. E seus filhos nunca tinham comido melão e Maria se perguntava se eles iriam gostar da fruta. As dificuldades pelas quais sua família passa, são muitas. Maria é mãe solteira e se alegra por poder proporcionar aos filhos os restos de alimento que a patroa tinha lhe oferecido. O fato de Maria ser doméstica, e lutar para alimentar seus filhos, denuncia o sistema econômico desigual entre as classes sociais brasileiras: Maria é uma mãe trabalhadora doméstica, que vê sua pequena família com dificuldade de alimentação e que se alegra com os restos de um banquete que sua patroa lhe oferece. Maria é a mãe que trabalha, mas que não ganha o suficiente para alimentar seus filhos e que complementa sua pequena renda, através de pequenas gorjetas ganhas pelo trabalho em dias que seriam sua folga e horas para se dedicar às suas crianças.

A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Serás que os meninos iriam gostar de melão? (EVARISTO, 2016, p.39,40).

Ao embarcar no ônibus, Maria não constata nada de estranho e continua a refletir sobre o que faria com a gorjeta. E ela estava com a mão doendo, pois tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Maria conceituou que poderia descansar e cochilar até sua descida. Porém, ao entrar, um homem levanta de seu banco e paga a passagem dela. E este homem era pai do seu filho mais velho.

Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem sentou-se a seu lado. Ela se lembrou do passado. (EVARISTO, 2016, p.40).

O encontro com seu ex-marido fez com que ela ficasse feliz e o diálogo entre os dois foi intenso. Ele cochichava com Maria, mas sem virar o rosto para a direção dela. Ela chega sente uma “mágoa intensa” por não estarem juntos.

O encontro com seu ex-marido fez com que ela ficasse feliz e o diálogo entre os dois foi intenso. Ele cochichava com Maria, mas sem virar o rosto para a direção dela. Ela chega sente uma “mágoa intensa” por não estarem juntos.

Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. [...] Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? (EVARISTO, 2016 p.40)

Maria baixa o olhar e responde, demonstrando vergonha, que tinha tido mais dois filhos de outros relacionamentos. O homem manda um abraço para o filho e logo após saca uma arma. Nesse momento, o destino de Maria, a mulher negra, doméstica, mãe solteira, está selado quando seu ex-marido (...) “cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E logo após, levantou rápido sacando a arma” (EVARISTO, 2016 p.41). Seu colega que estava sentado atrás, anuncia o assalto. Apesar de Maria conhecer o homem, fica com medo de perder a vida e de não poder cuidar dos três filhos. “Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão” (EVARISTO, 2016 p.41). E Maria, é a única que não foi assaltada, acabou sendo acusada de fazer parte do grupo, com os passageiros revoltados passando a agredi-la fisicamente e verbalmente.

A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher (EVARISTO, 2016 p.40).

O motorista tenta defendê-la, dizendo que a conhecia e que era uma mulher que trabalhava para sustentar os filhos, porém ninguém dá ouvidos. “Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria” (EVARISTO, 2016 p.42). Nesse trecho, percebemos como a população perde o sentimento de empatia, de tolerância para com Maria, a mulher negra. São pessoas vítimas de um sistema social opressor, mas que praticam a mesma violência e opressão contra pessoas vulneráveis, de sua mesma classe social. As pessoas, cansadas de um sistema opressor, desejam despejar a raiva e a impotência em alguém e, quase sempre, escolhem para vingança e justiça com as

próprias mãos, geralmente os sujeitos que já são vítimas da opressão racial, racista ou machista.

O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira: — Calma pessoal! Que loucura é esta? [...] Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos” (2016 p.42).

Maria acaba sendo brutalmente assassinada. Ela deixa três crianças sem pai, sem segurança e com um futuro incerto para a felicidade e certo para o sofrimento. Maria é mais uma mãe que não teve a oportunidade de chegar em casa para levar o recado e os alimentos que tinha ganhado para seus filhos.

Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão?

(...)

Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado (EVARISTO, 2016 p.42).

Conto de Maria mostra a realidade que acontece com muitas mulheres negras, que são brutalmente assassinadas, e deixando seus filhos desamparados. A violência contra mulher é banalizada, tornando-se algo que é permitido, que socialmente aceitável. Sobretudo pelo estado que tem o dever de proteger, mas também por uma parcela da sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se propôs a analisar a construção das personagens Ana Davenga e Maria, dos contos homônimos, de Conceição Evaristo. Ana Davenga é a representação de uma mulher negra que se envolve com o homem que é chefe do tráfico na favela- lugar marginalizado e esquecido pela sociedade. A obediência de Ana ao companheiro traz a discussão sobre o papel da mulher na sociedade, pois Ana representa a mulher presa aos valores patriarcais. A submissão de Ana ao companheiro se confirma, sendo reforçado pelo espaço social corrompido que o conto apresenta, em que a violência se estabelece de forma trágica, destruindo qualquer perspectiva de sonho de uma realidade menos opressora para Ana Davenga.

A personagem representa o destino de muitas mulheres de nossa sociedade que vivem em um sistema opressor: são vítimas das próprias leis de violência dos homens das comunidades, pequenos chefes do tráfico, que tratam as mulheres da comunidade como mercadoria/corpo para usufruto deles ou são vistas pelo estado violento e policial como vidas descartadas, corpos sem valor visto que são corpos pretos, periféricos e femininos. Enfim, Ana representa uma parcela de vidas da nossa sociedade que é vista como fora da lei devido a cor da pele e ao espaço geográfico em que reside.

Já Maria representa a vida de milhares de mulheres que se deslocam das favelas para trabalhar nos bairros nobres, utilizando conduções lotadas para ganhar o pão para seus filhos. E acaba sendo morta por conhecer um dos assaltantes. Maria também representa mais um número de vítimas de violência de uma sociedade racista e irascível, que se acham no direito de tirar a vida de uma pessoa somente por suposição de que ela é bandida ou bandido, devido a cor da pele. Maria é atacada física e verbalmente. Ela é associada ao clichê “mulher de bandido”, “puta”, portanto, vida abjeta, passível de violência e morte.

Essas duas personagens com suas vidas em ruínas e cerceadas, posteriormente, mostram o tamanho da violência sofrida pelas mulheres negras e o grau de preconceito e discriminação para com as classes sociais menos favorecidas. A pobreza e o preconceito racial são dois dos principais fatores associados à marginalização. A revolta é inspirada pelo sentimento de impunidade e insegurança da população. Provocam ataques às pessoas inocentes, como se vidas pobres e pretas não tivessem importância.

Ser negro na sociedade brasileira, lutar pela uma sociedade justa, para que a violência e racismo venham a ser cessados é uma luta árdua e diária. Ser negro no Brasil representa viver com um alvo nas costas, como vimos recentemente, com homens negros sendo mortos em portas de supermercado, por serem considerados com atos suspeitos, apenas por serem negros. Citando Evaristo (2009) “entre as vivências de sujeitos negro na sociedade brasileira, cumpre ressaltar o lugar de opressão” [...].

Por fim, a escrita de Conceição Evaristo representa o cotidiano de mulheres afro-brasileiras, periféricas. E através dos seus textos literários e críticos revela-se seu posicionamento contra os abusos e as discriminações sofridas pelos os negros. Desta maneira, os textos de Conceição Evaristo oferecem uma reflexão político- cultural de nossa sociedade e não deixam de agir como uma voz literária de denúncia contra a violência de gênero, através da construção de personagens que lutam contra a dominação masculina, a violência e o racismo.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Aline Alves. Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um Bildungsroman feminino enegro. **Mestrado em Estudos Literários**. Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2007.

ADÚN, Mel. Paradoxo. **Vozes Literárias de Escritoras Negras**/ Ana Rita Santiago – Cruz dasAlmas/ BA: UFRB 2012.

CUTI, Luiz. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. (2009) Na Cartografia do Romance Afro-brasileiro: “Um defeito decor” de Ana Maria Gonçalves. In: LAHNI, Cláudia Regina et al. (orgs.) **Culturas e diásporas africanas**. Juiz de Fora: Editora UFJF.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro - brasilidade** –SCRIPTA, Belo Horizonte 2009.